



## **Da Audiência Presumida ao Espectador Participativo: Telejornalismo e Identidade Local no Jornal da Alterosa Edição Regional<sup>1</sup>**

Simone Martins<sup>2</sup>  
Mestranda em Comunicação Social - UFJF

### **Resumo**

A proposta deste artigo é a de enfatizar a dimensão discursiva do telejornalismo enquanto meio de comunicação interventor na sociedade. Analisaremos em que medida ocorre a criação de vínculos entre o telejornalismo de produção local em uma emissora afiliada ao SBT na cidade de Juiz de Fora e o público a que se destina. A premissa é de que a veiculação diária de produtos jornalísticos reforça a relação entre TV e município, e seus habitantes. Autores como Vizeu e Wolton, dentre outros, oferecem suporte teórico para o trabalho que reflete sobre as estratégias incorporadas no processo de produção das notícias em um telejornal para que o público se identifique com o material audiovisual veiculado.

### **Palavras-chave**

Telejornalismo local; audiência presumida; identidade.

Produzir significados sociais e culturais. Esses são os principais fatores a serem levados em conta para qualificarmos a televisão, e especialmente os telejornais, como veículo de destaque na sociedade contemporânea. Não seria exagero afirmar que a TV é um dos principais elos de ligação entre o homem e o mundo. Um mundo que se expandiu para o olhar do indivíduo, sobretudo no final do século passado, a partir da década de 90. Atualmente é sobretudo por meio das mensagens jornalísticas transmitidas pela TV que os indivíduos tornam-se cidadãos do mundo. Pelos monitores muitos acompanham o desdobramento dos fatos, muitas vezes em tempo real, se informam, formam opinião, enfim adquirem conhecimento. Vemos o mundo de dentro de casa: a televisão pode em tese nos conectar a tudo o que acontece na nossa esquina ou do outro lado do planeta.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII NP de Jornalismo do Intercom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Simone Martins é jornalista, radialista, pós-graduada em Comunicação e Gestão Empresarial (PUCMinas) e mestranda em Comunicação (UFJF). Professora do Curso de Comunicação Social da Faculdade Estácio de Sá-JF e da Universidade Presidente Antônio Carlos-JF, desenvolve projeto sobre telejornalismo regional na linha de pesquisa Comunicação e Identidades. [sitema@terra.com.br](mailto:sitema@terra.com.br)



Hoje a TV atinge praticamente todo o território brasileiro, e se consolida como a principal fonte de diversão e conhecimento dos acontecimentos sociais para a maioria da população. No Brasil, este veículo de comunicação ocupa papel de fundamental importância na formação da identidade nacional já que funciona como agente unificador da sociedade brasileira. E o jornalismo tem papel de destaque neste contexto.

Na grade de programação das emissoras, os telejornais transmitem credibilidade e atraem investimentos. Além disso, oferecem conceitos, idéias e representações da cultura e da realidade nacionais. “É no espaço simbólico dos noticiários (...) que acompanhamos, julgamos e construímos o cotidiano da nação, sob o olhar dos âncoras, repórteres e editores” (BECKER, 2004, p. 48).

Assim, priorizar no âmbito desse artigo o estudo da televisão brasileira, com ênfase na produção dos telejornais locais, é de fundamental relevância, haja vista que consideramos serem eles os maiores produtores de significados sociais e culturais na sociedade contemporânea. Entendemos que o telejornalismo pode, em tese, contribuir para a construção de uma identidade local, na medida em que os telespectadores se identifiquem com as notícias produzidas e veiculadas, ou seja, que se vejam inseridos no contexto da sociedade construída na narrativa apresentada nos telejornais. Nossa proposta com esse trabalho é verificar em que medida ocorre a criação de vínculos entre o telejornalismo de produção local da cidade de Juiz de Fora e o público a que ele se destina.

A investigação compartilha das premissas do sociólogo francês Dominique Wolton (2004; 2006), de que a TV não é um veículo narcotizante e que os telespectadores não são receptores passivos. Os indivíduos, segundo Wolton (2004), assimilam o que vêem na TV e produzem sentido a partir de sua compreensão, aprimorando conhecimento. A “análise crítica” de cada telespectador seria constituída a partir do que assistiram, e confrontada com seus julgamentos de valor. As relações entre o telejornalismo local e seus destinatários, portanto, quando trabalhadas no contexto da formação de identidades de sujeitos, não podem ser passivas e indiferenciadas. Elas passam a contribuir para transformar o conhecimento do espectador enquanto sujeito sócio-cultural.

No escopo de nossa pesquisa de mestrado, da qual o presente artigo é um fragmento inicial, analisaremos o trabalho desempenhado pela TV Alterosa e sua atuação como sistema de representação social para a sociedade juizforana. O telejornal local é um mediador entre o receptor e a cidade, uma vez que o telespectador se conecta a ela



através do telejornal; partilha e assiste pela tela da televisão as histórias de cidadãos como ele, e que vivem problemas semelhantes aos seus.

O jornalismo de TV que tenha um caráter realmente local pode influenciar o sentimento de pertencimento do cidadão, de reconhecimento por ele do que seria o seu espaço público; o telespectador que assiste ao telejornal local se identifica com o que está vendo porque a notícia da cidade apresentada na tela efetivamente faz parte da sua vida cotidiana.

Alfredo Vizeu nos oferece suporte teórico para analisarmos neste artigo como, e sob quais critérios, a notícia produzida no Jornal da Alterosa Edição Regional, uma afiliada do SBT em Juiz de Fora, incorpora a preocupação com essa relação de identificação do público com o conteúdo jornalístico apresentado. O estudo também será feito a partir do embasamento postulado por Kathryn Woodward, no qual “a produção de significados e a produção das identidades que são posicionadas nos (e pelos) sistemas de representação estão estreitamente vinculadas” (2000, p.18). Em tese, portanto, a população deve se identificar com o telejornalismo veiculado pela TV Alterosa por estar localizada na cidade de Juiz de Fora, na zona da mata mineira, e por retratar a realidade da sociedade (dos indivíduos) deste local.

### **Sobre televisão e identidade local**

Para Wolton “a televisão é atualmente um dos principais laços sociais da sociedade individual de massa. Aliás, ela é também uma figura desse laço social” (WOLTON, 2004, p. 135). A visão de laço social está, contemporaneamente, mudando o foco das pesquisas que anteriormente viam no telespectador um ser passivo diante da TV, entregando-se ao que o produto pronto e acabado lhe oferecia. As novas reflexões indicam que a mídia televisiva contém o formato adequado para a recepção do telespectador.

Ora, o conceito de laço social diz respeito a um discurso televisivo que pressupõe um telespectador ativo, não mais passivo. Ganham cada vez mais força os argumentos que apresentam o espectador como aquele que encontra na programação uma fonte de informações para conversas sociais. Tal fato representa de maneira inequívoca uma re-significação do discurso da informação televisiva sobre os processos comunicacionais.



Como já afirmamos anteriormente, a hipótese assumida nesse artigo é de que a construção da identidade dos sujeitos é feita a partir de suas relações com outros indivíduos e com a sociedade na qual se inserem. E hoje essa relação é mediada também pelos meios de comunicação, principalmente os telejornais. Em estudo sobre o valor do telejornal, Beatriz Becker (2004) afirma que o telejornalismo funciona como experiência única, cotidiana e coletiva de representação e construção da realidade para a sociedade contemporânea. Alfredo Vizeu (2005) compartilha desta abordagem ao trabalhar a informação televisiva como bem público, por ser o meio mais cômodo, econômico e fácil de informação para a sociedade atual; o telejornal é o produto de informação de maior impacto na atualidade.

Se o jornalismo de TV é um importante espaço na construção de sentidos do nacional, acreditamos que o telejornal local funciona como fator determinante para a (re)construção de uma cultura do local, do resgate às raízes, para a criação de vínculos entre público e emissora. Vizeu e Correia (2006) argumentam que o telejornal é fundamental na construção de uma identidade local, tornando-se lugar de referência para o telespectador. Isso porque a notícia local é diferente da notícia chamada de “rede” porque gera uma relação de identificação com o telespectador, já que se refere a acontecimentos que o atingem em seu cotidiano mais próximo.

### **O local e a construção da identidade**

Para que possamos entender os efeitos da produção de um telejornal sobre a formação das identidades, é preciso em primeiro lugar tentar analisar como se processa essa formação.

A partir da perspectiva de Vizeu e Correia (2006), percebemos que o conceito do jornalismo está associado a um lugar de referência para a construção social da realidade. Nesse sentido, passa a ganhar importância o conhecimento sobre a localização na qual se constituem os laços entre emissora e telespectador, ou seja, entre a televisão e a sociedade, para se chegar ao conceito de construção da identidade. Segundo Coutinho e Fernandes, “um dos aspectos por meio dos quais é possível buscar a compreensão da construção da identidade é identificar em qual lugar/espço ou por meio de que estratégias discursivas a TV regional ou local estabelece vínculos com seu público” (2007, p.5).



Se a mídia nos insere no espaço público, influenciando nosso sentimento de pertencimento, podemos afirmar que quando as notícias se referem à nossa cidade esta mediação se torna ainda mais estreita, pois o lugar do qual se fala também é o lugar em que o telespectador está. No momento em que a globalização nos atinge com a ampliação do universo de informações e a facilidade de acesso para obtê-las, a cidade torna-se o lugar em que o indivíduo se reconhece, para além das transmissões televisivas. O indivíduo pertence a ela.

Sob esse aspecto, também é interessante buscar a opinião de Alain Bourdin. A partir de suas considerações sobre a questão local, pode-se depreender que o local para o enlace entre telejornal e espectador ocorre a partir da valorização do encontro, da proximidade, da existência e especificidades sociais e culturais partilhadas (BOURDIN, 2001 p.25 apud COUTINHO, 2007, p.6). Para Bourdin, será a proximidade entre as duas pontas no processo de comunicação a produtora de vínculos sociais. Tais vínculos poderiam assim ser estabelecidos através de toda e qualquer mensagem transmitida ao telespectador, seja ela a cobertura de fatos jornalísticos, seja por meio de iniciativas para aproximar a emissora da comunidade local; todas essas representações veiculadas contribuem para a manifestação das ilusões e paixões de identidade local.

### **Breve histórico sobre as produções locais**

Juiz de Fora foi a primeira cidade do interior do Brasil a sediar uma emissora de televisão, a TV Industrial. Criada pelo empresário Sérgio Mendes e seus filhos em 1964, a emissora teve quase a totalidade de seus programas produzidos na cidade, ao vivo. Os primeiros programas produzidos em emissoras de cidades do interior, a exemplo de Juiz de Fora, eram basicamente programas de auditório e telejornais, porque tinham baixo custo de produção e eram populares.

Devido a problemas financeiros, a TV Industrial foi vendida para a Rede Globo de Televisão em 1980, e perdeu o status de emissora da cidade. A partir daí, apenas o jornalismo local e alguns programas eram mantidos. A emissora passou a veicular mais de 90% de sua programação com material produzido pela rede, e tinha que seguir a nova linha editorial definida pela matriz, adequando-se ao “Padrão Globo de Qualidade”. Já em 1998 ela passou a se chamar TV Panorama, e voltou-se para o público regional,



numa tentativa de resgate do local para atrair novos mercados publicitários, buscando enfrentar o processo de globalização.

A história da emissora que é foco das relações de que trata esse artigo na pesquisa em curso começa em 1990, quando a TV Tiradentes foi inaugurada em Juiz de Fora, com o objetivo de produzir programas locais. No começo, a TV veiculava apenas telejornais e programas de auditório, e agradou o público ao inserir na programação matérias policiais, esportivas, telejornais, programas de calouros e mesas de debate retratando a realidade local. Mas brigas internas causaram o fim de vários programas, e a sua afiliação à Rede Record.

Já em 1999 a emissora passa a pertencer ao Grupo Associados Minas, com sede em Belo Horizonte, e afilia-se ao SBT. Passa a se chamar TV Alterosa Juiz de Fora e atualmente apresenta uma programação voltada para as classes C, D e E. No início, sua programação local limitava-se ao Jornal da Alterosa Edição Regional, veiculado de segunda a sábado, no horário de almoço. A identidade impressa pelo telejornalismo da TV Alterosa na sociedade juizforana foi de uma TV local, com matérias voltadas para a segurança pública e a exibição de VT's ágeis com imagens em plano seqüência<sup>4</sup>.

A retransmissão de programas do SBT imprimiu características populares nas produções locais da TV Alterosa, inclusive no próprio telejornal. Atualmente a emissora produz três programas, mas apenas um jornalístico, o Jornal da Alterosa Edição Regional, objeto de nosso trabalho.

### **A produção da notícia no Jornal da Alterosa Edição Regional**

O Jornal da Alterosa Edição Regional, veiculado de segunda a sábado às 11h50, aborda o cotidiano da cidade e é, portanto, o responsável pela construção de uma identidade local no âmbito da programação da emissora juizforana. Nesse sentido, torna-se necessário analisar a construção de laços de pertencimento entre emissora e público, e verificar se realmente existe uma identificação dos telespectadores com as informações veiculadas por ele.

---

<sup>3</sup> A definição do público da emissora foi informada pela editora regional, Gilze Bara.

<sup>4</sup> O plano seqüência é um plano cinematográfico, utilizado inicialmente pelo programa Aqui e Agora e que se difundiu nas produções jornalísticas do SBT e suas afiliadas. Segundo a editora regional do Jornal da Alterosa, ele é utilizado no telejornal para narrar uma história, sem muitos cortes na hora da edição da matéria, com o repórter no local do acontecimento contando como o fato aconteceu.



Ao inserir em sua programação, especialmente nos telejornais, imagens do cidadão comum, de entrevistados que estão nas ruas, prontos a dar sua opinião e ter sua imagem multiplicada, a emissora busca reconstruir sua marca local, de realização do que denominou-se de jornalismo de proximidade. (COUTINHO, 2006, p.15)

No único telejornal regional veiculado pela TV Alterosa estão presentes os recursos típicos de seu formato: a apresentadora faz a cabeça das matérias, chama os VT's e as entrevistas. O tempo de exibição do programa analisado é de, em média, 17 minutos diários<sup>5</sup>. O jornal é veiculado antes do Alterosa Esporte, um dos programas de grande audiência da emissora em Minas Gerais, e do Jornal da Alterosa 1ª Edição, com notícias de todo o estado.

O Jornal da Alterosa Edição Regional segue o modelo clássico dos telejornais locais, com notícias da cidade sede (Juiz de Fora) e das cidades da área de cobertura. Em tese, as notícias precisam ter alcance e interesse não só para quem é de Juiz de Fora, mas para as 127 cidades da região que recebem o sinal da emissora. Vale ressaltar, entretanto, que embora tanto a TV Alterosa – objeto de nosso estudo neste artigo – quanto a TV Panorama (afiliada da Rede Globo em Juiz de Fora) sejam caracterizadas como emissoras regionais, elas não necessariamente produzem telejornalismo regional. O que se vê são produções locais. A editora regional do Jornal da Alterosa Edição Regional, Gilze Bara, explica que existe a dificuldade estrutural para deslocar uma equipe para essas cidades para cobrir um fato, mas que as notas secas<sup>6</sup> cumprem o papel de dar visibilidade a elas. Apesar de parecer secundária para alguns, essa visibilidade, mesmo que limitada, faz com que o telespectador da região se veja inserido no telejornal, e com ele crie laços de pertencimento, identidade.

Percebe-se que na produção das edições do telejornal procura-se focar assuntos relacionados ao âmbito local, incluindo as notícias referentes a problemas do dia-a-dia do cidadão. A cobertura dos problemas da comunidade, expostos e debatidos com as autoridades, através de flashes nas ruas, entrevistas e reportagens compõem a estrutura do Jornal da Alterosa. O telejornal também procura seguir a missão estabelecida pela TV Alterosa-JF, de informar e auxiliar no bem-estar da comunidade, ao produzir matérias de serviço e saúde.

Algumas matérias que vão ao ar são de cunho assistencialista, e se mostram como canal facilitador para a solução de problemas do cotidiano da cidade. Por divulgar

---

<sup>5</sup> No cálculo de tempo médio do telejornal não estão incluídos aqueles destinados à veiculação de comerciais.

<sup>6</sup> Notas lidas pelo apresentador do telejornal no estúdio.



principalmente as notícias de Juiz de Fora, o Jornal da Alterosa Edição Regional é frequentemente acionado pelo público para intervir efetivamente na solução de problemas, e é visto como um mediador entre o cidadão e o Poder Público, o que pode ser constatado através dos telefonemas e e-mails dos telespectadores para o Canal da Alterosa<sup>7</sup> com a sugestão de pautas que abordem os problemas da comunidade. Os moradores esperam que a divulgação de seus problemas motive soluções.

Mas a relação do telespectador com o telejornal que fala de sua cidade não gira só em torno do assistencialismo. O Jornal da Alterosa Edição Regional tem maior foco em matérias sobre os problemas da cidade, além de segurança e justiça. Mas sua produção é voltada principalmente para os fatos mais importantes do dia, sempre pensando no interesse público. “Mas também entram matérias que a gente sabe que o público quer ver, como os *fait-divers*<sup>8</sup>” completa Gilze Bara.

Nesse sentido vale destacar que fazer uma avaliação da notícia é pensar no público a que ela se dirige, porque se pressupõe que as seleções efetuadas vão ao encontro dos desejos da audiência. Segundo Vizeu (2005), o julgamento da noticiabilidade de um fato se decide perguntando-se em que medida o público teve conhecimento dele e quando. Por isso a participação popular sempre foi relevante ao longo da história do Jornal da Alterosa, e o telespectador participa – e se informa – do cotidiano de Juiz de Fora através do telejornal.

Para se falar em construção da identidade, é preciso se dedicar ainda a estudar como isso acontece no processo da construção da notícia, ou seja, da reconstrução do fato jornalístico. Ao estudar a natureza das notícias, Robert Park argumenta que elas têm como incumbência a construção da coesão social, na medida em que permitem às pessoas ficarem sabendo o que acontece em volta delas para tomarem atitudes e, através das suas atitudes, construir uma identidade comum (*apud* VIZEU, 2005, p. 67), e que as possibilite viverem em sociedade. Partindo-se desta afirmativa, podemos dizer que o Jornal da Alterosa é construído e/ou concebido no processo de produção noticiosa para tornar-se lugar de referência para o telespectador juizforano.

---

<sup>7</sup> O Canal da Alterosa é um canal interativo no qual o telespectador entra em contato com a emissora através de um número de telefone disponibilizado pela TV Alterosa-JF durante toda a programação.

<sup>8</sup> *Fait-divers* é uma expressão de jargão jornalístico que designa os assuntos não categorizáveis nas editorias tradicionais dos veículos. São fatos desconectados de historicidade jornalística, ou seja, referem-se apenas ao seu caráter interno e seu interesse como fato inusitado, pitoresco.



Segundo Vizeu (2005), o processo de seleção das notícias é subjetivo e arbitrário, com as decisões dependendo muito de juízos de valor baseados no conjunto de experiências, atitudes e expectativas dos produtores e editores dos telejornais. Os valores-notícia estão, portanto, sempre relacionados à idéia da audiência, ao que deve ser veiculado. Ele acredita que os jornalistas levam em conta esses valores fundamentais para construir as notícias para o seu público. A noticiabilidade, então, relaciona-se diretamente aos processos de rotinização e standardização das práticas produtivas, também em TV, uma vez que os primeiros estudos de newsmaking referiam-se aos meios impressos.

E a identidade no Jornal da Alterosa Edição Regional é construída a partir de representações simbólicas que buscam corresponder a uma identificação deste com o seu público, e contribuir para que ele assista ao telejornal. Esta identidade, segundo a editora regional, é criada através da seleção das matérias e da linguagem utilizada em todo o processo de produção. E é papel da produção do telejornal selecionar o que deve ser noticiável. Existem vários critérios para essa seleção, mas o que mais se destaca no discurso construído pela editora para explicar a rotina produtiva é “o próprio instinto de ser repórter”.

Apesar de realizar pesquisas anuais para medir sua audiência em Juiz de Fora, a TV Alterosa não as realiza no que diz respeito à noticiabilidade de um fato. O que deve ou não ser noticiado é decidido arbitrariamente pela própria editora, o que faz com que os critérios de produção de notícias também sejam arbitrários: é priorizado o factual para depois analisar quais matérias devem entrar no jornal. “Eu costumo dizer que os critérios de fechamento e seleção são pessoais, instintivos. Aqui é assim. Até porque a estrutura é muito enxuta”, completa Gilze.

A rotina da produção do telejornal da TV Alterosa segue, de maneira geral, a regra das demais emissoras regionais. A ronda e a pesquisa na internet fazem parte do processo de construção de pautas, mas leva em consideração a sugestão de produtores, repórteres, editores e sobretudo da comunidade que envia sugestões de matérias. Não há dados concretos desta participação popular. A editora argumenta que, quando o telespectador sugere uma pauta interessante e há condições estruturais para apurá-la, uma equipe de jornalismo produz e o telejornal veicula a matéria, dando crédito ao telespectador na exibição da notícia.

As notícias no Jornal da Alterosa Edição Regional são distribuídas segundo critérios de importância. De acordo com a editora Gilze Bara não há a interferência da direção da emissora no que diz respeito a esses critérios, nem mesmo em relação ao conteúdo das



edições. A matéria que abre o telejornal sempre possui maior impacto, devendo ser factual e, sobretudo, tratar de um assunto local. Assim, cumprindo uma das premissas do jornalismo regional, o telespectador se sentirá representado na notícia.

A utilização da linguagem coloquial, adequada ao seu público-alvo, é outra das preocupações da editora. Gilze afirma que a hipótese que orienta o trabalho na emissora é a de que a maioria dos telespectadores do Jornal da Alterosa Edição Regional seja formada por jovens e mulheres, e reforça a importância de produzi-lo para toda a comunidade. É inegável, portanto, que o jornal apresente serviços de utilidade pública, além de dicas para o telespectador que participa efetivamente, segundo a editora chefe, da construção do telejornal, seja através de telefonemas, e-mails ou pelo contato na rua com os repórteres e editores.

Essa maior interação também ocorre por meio da promoção constante de eventos pela emissora na cidade de Juiz de Fora, como o passeio ciclístico, ou ainda com visitas à TV. Esses eventos, promovidos pela TV Alterosa-JF, têm como objetivo a aproximação da comunidade com a emissora, e sempre são noticiados pelo telejornal, reforçando o vínculo entre TV e sociedade juizforana na produção veiculada na telinha. De acordo com a editora regional, o Jornal da Alterosa Edição Regional sempre teve o diferencial de ter a participação do povo, o que faz com que este crie laços de pertencimento com a emissora.

Outra estratégia adotada pela equipe do telejornal é a não determinação do tempo das matérias, para não “engessar” o trabalho feito pelo repórter. “Quem melhor que o repórter, na rua, para saber o que aquela matéria vai render?”, pergunta Gilze, e afirma que o retorno que os profissionais têm do público mostra que a alternativa tem dado certo. “Eles dizem que entendem o que foi dito e que as matérias são completas”, explica. Ela acredita que assim os jornalistas da emissora produzem um jornalismo menos superficial. O jornal ainda cumpre com sua função pedagógica ao instruir os telespectadores sobre determinados assuntos. Segundo Coutinho e Fernandes, “nesta função se enquadram as notícias em que fica claro qual é o comportamento que se espera do telespectador diante das informações veiculadas” (2007, p. 9).

### **Considerações finais:**

Os indivíduos, segundo Wolton (2004), assimilam o que vêem na TV e produzem sentido a partir dessa interação com o veículo, aprimorando conhecimento. Analisando sob esse prisma, as relações entre o telejornalismo local e o público por ele atingido podem não ser passivas e indiferenciadas. Ao contrário, entende-se que podem contribuir para transformar o indivíduo enquanto sujeito sócio-cultural.

Nesse sentido, a proposta de nosso trabalho é a de enfatizar a dimensão discursiva do telejornalismo enquanto meio de comunicação interventor na sociedade, em consonância com os conceitos formulados por Vizeu. Tal dimensão discursiva pode contribuir de maneira ativa para a formação de grupos sociais e mutações de identidades. O processo de produção da notícia em um telejornal, portanto, é responsável pela criação de sua identidade como produto midiático. Pudemos notar com este trabalho que, quando se produz notícias em uma emissora de TV local, como é o caso da TV Alterosa na cidade de Juiz de Fora, o telespectador participa mais ativamente do processo de comunicação, ao menos no discurso da editora do programa.

A identidade criada pela emissora em Juiz de Fora, construída ao longo do processo de fazer telejornalístico, faz com que a população se identifique com a TV Alterosa Juiz de Fora. A partir disso, o retorno a ser alcançado pela emissora pode ser auferido por meio da audiência conquistada, e não mais presumida. Em tese, quanto maior for a identificação do público no que diz respeito ao telejornal, maior será seu interesse em acompanhar as edições diárias, fortalecendo assim um laço social no qual tanto a emissora quanto o público são beneficiados. Isso porque tanto o Jornal da Alterosa Edição Regional quanto o público pertencem à mesma cidade e compartilham dos mesmos acontecimentos.

No caso do telejornalismo produzido pela TV Alterosa em Juiz de Fora, a cidade é um denominador comum que faz com que telespectador e jornalista se articulem; a produção “conjunta” da notícia seria capaz de caracterizar a inserção desses dois atores sociais assim em um processo de comunicação.

Podemos concluir que se a programação veiculada pela televisão em rede nacional é concebida como uma narrativa e/ou agente unificador, o telejornalismo regional se torna ainda mais importante na construção da identidade local, na medida em que pode



ressaltar e em alguns casos mesmo resgatar a cultura das comunidades às quais se destina, fazendo com que as pessoas se sintam retratadas, e lembradas, através da TV.

## Referências bibliográficas

BARA, Gilze. *Entrevista concedida à autora*. Juiz de Fora, 2007.

COUTINHO, Iluska. *Telejornalismo e Identidade em Emissoras Locais: a construção de contratos de pertencimento*. IV Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo. Porto Alegre: UFRS e SBPJor, 2006. CD’Rom.

COUTINHO, Iluska *et al.* *Telejornalismo e Identidade Local: uma reflexão sobre a produção jornalística nas emissoras de TV de Juiz de Fora*. Regiocom 2006 - XI Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco, 2006. CD’Rom.

COUTINHO, Iluska e FERNANDES, Lívia. *Telejornalismo Local e Identidade: o Jornal da Alterosa e a construção de um lugar de referência*. XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Região Sudeste. Juiz de Fora: 2007.

VIZEU, Alfredo. *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

\_\_\_\_\_. *O lado oculto do telejornalismo*. Florianópolis: Calandra, 2005.

VIZEU, Alfredo Eurico & CORREIA, João Carlos. *A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência*. In: SBPJor 2006, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: 2006.

BECKER, Beatriz. *A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do Descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual, in: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1987.



WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Ática, 2006.

..... *Pensar a Comunicação*. Brasília: UnB, 2004.